

Comunicação e expressão

Língua Portuguesa



Comunicação e expressão

Língua Portuguesa

| | |
|------------------------------------|----|
| 1. Ler e compreender | 3 |
| 2. Gêneros Textuais | 5 |
| 3. Língua e Linguagens | 7 |
| 4. Linguagem Literária | 9 |
| 5. Acentuação e uso do hífen | 12 |



Introdução

Ler e compreender nem sempre fizeram parte do mesmo processo, pois, até pouco tempo atrás, o que se entendia por leitura não incluía, necessariamente, a compreensão do que se lê, podendo ser meramente a decodificação da palavra escrita, sem a construção de um sentido para o que foi lido.

Hoje, com a ciência tendo avançado no que diz respeito à leitura, esse processo é explicado em relação a como os seres humanos interpretam a realidade, como processam a informação. De acordo com essa abordagem, há mecanismos que atuam da mente do leitor para o texto que também intervêm na compreensão do texto lido.

Antigamente, acreditava-se que o leitor começava nos signos gráficos, as palavras, para então chegar nas frases e no texto, a fim de lhe retirar o sentido, como se fosse uma operação de soma, em que as partes menores se unem e formam o todo. Esse era o modelo ascendente de leitura. Atualmente sabemos que há muitos outros mecanismos que intervêm na compreensão de um texto escrito, os quais não atuam da análise do texto à compreensão do leitor, e sim da mente do leitor ao texto. Essa é a leitura mediante o processamento descendente da informação. Esses dois tipos de processamento da informação interagem durante o ato de ler.

1 - A leitura como processo de elaboração e verificação de previsões que levam à construção de uma interpretação

Ao realizar a leitura, o leitor posiciona-se responsivamente perante o texto, isto é, seu cérebro interage com o texto e responde ao que lê. E, para que isso ocorra, entram em ação o conhecimento prévio que ele tem

a respeito do tema, suas experiências ligadas ao tema e a maneira como ele lê o mundo, sua visão das coisas e seu conhecimento sobre a língua e o texto. Segundo Colomer e Camps, o leitor constrói o significado da leitura mediante um processo que pode ser dividido em três partes: formulação de hipóteses, verificação das hipóteses realizadas e integração da informação com controle da compreensão.

Formulação de hipóteses

Desde o início da leitura, o leitor faz várias hipóteses, ou antecipações: ele prevê a respeito das letras dentro das palavras, das palavras na frase, das frases no texto e da articulação das proposições (ideias, fatos, descrições) no texto, seja este narrativo, descritivo ou argumentativo. Fazemos previsões sobre qualquer tipo de texto e sobre qualquer um de seus componentes. Para construirmos tais previsões, baseamo-nos nas informações do texto e de seu contexto, em nosso conhecimento sobre a leitura, sobre os textos e sobre o mundo em geral.

Verificação de hipóteses

Para a verificação dessas hipóteses, integram-se os processos ascendentes e descendente, vistos na introdução deste capítulo. Por exemplo, o leitor reconhece com mais rapidez as letras se elas fizerem parte de uma palavra, assim, após um “m”, o leitor espera a aparição de uma vogal, e não de qualquer letra do alfabeto.

Portanto, uma das pistas utilizadas pelo leitor competente para formular hipóteses é a materialidade linguística, o significante, o que o leitor vê ao ler um texto. Kato (1998:75) menciona a complexidade textual como um dos fatores que determinam a forma de ler. Quando um texto fala de um assunto que não é familiar ao leitor, o processo ascendente é mais utilizado e as pistas linguísticas desempenham um papel maior do que quando o assunto do texto é conhecido pelo leitor.

Também, o leitor processa com mais rapidez uma palavra que faça parte do campo semântico ao qual deveria pertencer. Assim, é bem mais fácil reconhecer “Este texto apresenta uma complexidade média”, do que “Fala lá uva aqui”, por exemplo. Outro exemplo: quando o texto inicia com “Era

uma vez...”, o leitor espera que a próxima palavra seja um substantivo, e não um verbo.

2 - GÊNEROS TEXTUAIS

Após a abordagem do primeiro capítulo, Ler e compreender, continuaremos nossos estudos sobre a leitura de diferentes tipos de texto. Espera-se que o trabalho com a leitura, a compreensão e a produção escrita em Língua Materna deva focalizar, em primeiro lugar, o desenvolvimento de habilidades do aluno, proporcionando-lhe a capacidade de empregar um número crescente de recursos da língua para produzir efeitos de sentido de forma adequada a cada situação específica de interação humana. Assim, neste capítulo, iremos abordar o Gênero Textual e a Tipologia Textual.

Gênero Textual

O gênero textual existe desde quando o homem começou a se comunicar, valendo-se das línguas naturais. Para melhor compreensão, é importante acompanhar o desenvolvimento histórico, muito bem explicitado por Todorov.

Todorov ao explicar a gênese dos gêneros afirma que o conceito de gênero era o mesmo de gênero literário, referindo a existência primordial desse, desde as clássicas cantigas, odes, sonetos tragédias e comédias.

Ainda, na visão histórica, o linguista Marcuschi divide em cinco fases a evolução dos gêneros dos textos, como podemos confirmar abaixo:

- **a primeira** compreende os povos primitivos de cultura oral;
- **a segunda** inicia com a invenção da escrita, no século VII a.C., surgindo os gêneros típicos da língua escrita;
- **a terceira**, desenvolvimentos dos textos impressos, no século XV;
- **a quarta**, a partir do século XVIII, inicia a industrialização;
- **a quinta**, atual, é da cultura eletrônica, vivemos uma explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação, tanto na forma oral como na escrita.

O rádio, a televisão, o telefone, a mídia impressa e a internet provocaram o surgimento de novos gêneros ou, pelo menos, a reorganização de gêneros já existentes. Gênero Textual é definido pelo linguista Marcuschi como: carta, bilhete, telefonema, aula expositiva, reunião de condomínio, horóscopo, lista de compras, cardápio, carta eletrônica, etc. Do mesmo modo, podemos notar que o autor confere aos gêneros finalidade sociodiscursiva, considerando, assim, ilimitado o número de possíveis outros gêneros. Você, caro aluno, poderá perguntar se os gêneros são concretos como os textos. A explicação é clara: o texto é uma entidade concreta que se materializa em algum gênero. Sob essa perspectiva, o gênero é abstrato, virtual, variável, instável que se distingue de outros dependendo do canal, estilo, conteúdo, composição e função.

Memorize: **chega-se ao gênero a partir do texto.**

Intertextualidade

Note que dificilmente são encontrados tipos puros de texto. Em uma bula de remédio, por exemplo, há várias tipologias, como a descrição, a injunção e a predição. Travaglia afirma que um texto é definido dentro de um tipo em função de sua dominância, isto é, do tipo de interlocução que se pretende estabelecer e que se estabelece.

Caro aluno, é importante observar o seguinte: um texto pode ter aspecto de um gênero, mas ter sido construído em outro, a isso chama-se intertextualidade. Ocorre que um tipo pode ser empregado no lugar de outro, criando, desse modo, determinados efeitos de sentido.

Recapitulando

O capítulo sobre Gêneros textuais focaliza especialmente leitura, compreensão e produção de texto na perspectiva dos gêneros, possibilitando, assim, uma reflexão sobre as diferentes modalidades textuais, orais e escritas, de uso social.

3 - LÍNGUA E LINGUAGENS

Dos gêneros textuais aos signos não-verbais

No primeiro capítulo deste livro, você aprendeu que uma leitura bem sucedida depende de várias estratégias que o leitor pode mobilizar para compreender e interpretar um texto. Nesse sentido, ler é muito mais do que apenas “decifrar” significados supostamente dados, pois, em última análise, somos nós que produzimos os significados daquilo que lemos quando interagimos com os textos. Isso ocorre, por exemplo, quando formulamos e verificamos hipóteses interpretativas, quando realizamos inferências e preenchemos lacunas a partir de nossos conhecimentos prévios, ou quando mobilizamos interesses particulares de leitura.

Neste capítulo, você deverá compreender que a tipologia e os gêneros textuais não são os únicos elementos para os quais é necessário estar atento a fim de realizar boas inferências durante a leitura, pois os textos não se apresentam unicamente a partir da linguagem verbal – ou seja, a partir de palavras. Assim como nós lemos textos escritos a partir de palavras, frases e orações, também é possível ler imagens, filmes, fotografias, novelas, charges, desenhos, pinturas, músicas, entre tantas outras formas textuais. De fato, na cultura em que vivemos, a maior parte dos textos que se apresentam para a nossa percepção são compostos por imagens, sons, imagens e letras, sons e imagens, imagens em movimento, entre várias outras possibilidades. Assim como os gêneros e a tipologia, conhecer as particularidades dessas formas de expressão pode nos ajudar a realizar leituras e interpretações mais densas.

Linguagem verbal e visual

Para começar a pensar sobre esse assunto, podemos recorrer à diferença entre a linguagem verbal e a linguagem visual. A primeira produz significados a partir de códigos mais fechados do que a segunda, o que faz com que uma imagem geralmente desperte significados mais abertos por parte do leitor do que as palavras. Você poderia dizer, rapidamente, o que significa a imagem abaixo?



Trata-se de um desenho feito pelo Pequeno príncipe, personagem principal de um livro clássico de Antoine de Saint-Exupéry. Após mostrá-lo aos adultos e lhes perguntar se o desenho lhes fazia medo, eles responderam: "Por que é que um chapéu fazia medo?" A pergunta do Pequeno príncipe foi compreendida apenas quando ele explicou – a partir da linguagem verbal – que o desenho não representava um chapéu e sim, uma jiboia digerindo um elefante. Como você pode perceber a partir desse exemplo, imagens tendem a ser mais polissêmicas (ou seja, são abertas para vários significados) do que as palavras.

Nesse ponto, é importante responder à seguinte questão: “Que tipo de estratégias devem ser mobilizadas, pelo leitor, para fazer uma boa leitura de imagens?” Antes de responder a isso, é importante lembrar que um texto não traz significados prontos para serem “encontrados”, “decodificados” ou “retirados”. Na leitura, ocorre sempre uma interação entre as intenções do **(1) leitor**, **(2) do próprio texto** e do **(3) autor**. Pensando novamente no exemplo do Pequeno príncipe, na primeira leitura, os adultos desconsideraram a intenção do autor da pergunta e, por isso, projetaram, sobre a imagem, o significado de “chapéu”, a partir de suas próprias intenções. No entanto, quando souberam da intenção do autor, provavelmente passaram a projetar também o significado “jiboia”. De fato, nenhuma das duas leituras está equivocada, pois o próprio texto (a imagem) tem uma estrutura visual que lembra tanto um chapéu quanto uma cobra engolindo um elefante. Por outro lado, dificilmente, alguém diria que o desenho significa uma árvore ou uma pessoa em pé (pois isso estaria muito longe da estrutura do próprio texto), embora ele permita pensar em outros significados além de jiboia e chapéu, que dependem das condições de cada leitor para fazer outras associações.

4 - LINGUAGEM LITERÁRIA

Uma das primeiras escolhas que um autor deve fazer quando produz um texto diz respeito à sua estrutura mais geral – seu gênero ou sua tipologia – que, frequentemente, encontra-se de forma mais ou menos fixa em nossa cultura. Nós costumamos classificar o que lemos em gêneros jornalísticos, acadêmicos, televisivos, informativos, cinematográficos, literários etc., e cada um desses gêneros tem alguns traços característicos, que os distinguem dos demais. Esses traços formam estruturas que se mantêm mais ou menos constantes ao longo do tempo. Assim sendo, é possível descrever os gêneros como estruturas pré-existentes das quais o autor se utiliza, inicialmente, para compor seu texto específico e criar seus percursos próprios.

No presente capítulo, você entrará em contato com a estrutura de um tipo específico de texto, a saber, o texto literário. Conhecer a estrutura da obra literária pode ajudar a compreender melhor alguns sentidos previstos para serem reconhecidos na obra. Por outro lado, você não deve esquecer que a leitura não se resume simplesmente à “decodificação” dessas características, pois, em última análise, é o leitor que constrói significados específicos em sua interpretação, quando, a partir de seus próprios repertórios culturais e cognitivos, interage com os significados previstos pelo autor bem como com a estrutura da obra.

O que é um texto literário?

Apesar de aparentemente óbvio, não é muito fácil definir os traços que distinguem um texto literário de outros textos, pois, se olharmos rapidamente para os livros que são normalmente considerados literatura, perceberemos que há uma grande variedade de estilos e temáticas. Na escola, aprendemos nomes de grandes autores, como Machado de Assis, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, entre outros, como bons exemplos de autores literários. Nós também aprendemos que alguns romances e histórias – como os romances açucarados destinados ao público feminino, por exemplo – não são realmente literários, porque estão voltados apenas para o entretenimento fácil e a diversão, afastando-se do conceito da literatura enquanto arte. Por outro lado, os manuais de literatura listam as Cartas de viajantes como Pero Vaz de Caminha e os Sermões de Padres

como Antônio Vieira como parte da literatura brasileira. Diante dessa heterogeneidade, como definir a literatura?

De forma didática e simplificada, é possível dizer que a leitura de uma narrativa literária segue dois planos paralelos: no primeiro plano, o leitor precisa compreender o enredo da história, a partir de seu começo, meio e fim. Para tanto, é necessário, primeiro, conhecer as personagens que realizam as ações do enredo, bem como o espaço e o tempo em que essas ações são realizadas. Além disso, o leitor também precisa se perguntar pelo narrador da história. Um assassinato cometido pelo próprio narrador – isso ocorre, por exemplo, no famoso conto Gato Negro, de Edgar Allan Poe, na história Diário do Farol, de João Ubaldo Ribeiro, entre outros – é muito diferente de um crime contado em terceira pessoa, por um narrador que não se caracteriza como uma das personagens do enredo – por exemplo, o famoso livro O crime do Padre Amaro, do escritor português Eça de Queirós.

TEMPO ESPAÇO NARRADOR PERSONAGEM ENREDO

No segundo plano da leitura, é importante lembrar que uma narrativa literária se diferencia de qualquer outro tipo de história – um caso de assassinato relatado em jornais ou em revistas, por exemplo – devido ao seu aspecto artístico e ficcional. Isso quer dizer que, na literatura, qualquer elemento estrutural da narrativa – ações, tempo espaço, personagens, narrador – adquire um caráter aberto, metafórico, sugestivo, interpelando o leitor para que enxergue mais do que apenas o plano linear da história propriamente dita. No conto "Siestas", do argentino Julio Cortázar, por exemplo, o tempo adquire um caráter metafórico a partir da "hora da sesta", um hábito cultivado pela personagem principal Wanda. O pesquisador Ubiratan Paiva de Oliveira nos explica que, nesse conto, a hora da sesta é uma metáfora do mundo de sonhos que esse momento pode muitas vezes suscitar. Além disso, nesse mesmo conto, também os espaços adquirem significado metafórico, pois a personagem Wanda transita entre a casa de suas tias repressoras e a casa da amiga Teresita. O primeiro espaço lhe causa pesadelos e pode

ser lido como metáfora da repressão, falta de sonho, falta de alegria; já o segundo espaço adquire significados como a liberdade, a criatividade, a alegria.

Um segmento de texto pode começar sua existência como história ou filosofia, e depois passar a ser classificado como literatura; ou pode começar como literatura e passar a ser valorizado por seu significado arqueológico. Alguns textos nascem literários, outros atingem a condição de literários, e a outros tal condição é imposta. Sob esse aspecto, a produção do texto é muito mais importante do que o seu nascimento. O que importa pode não ser a origem do texto, mas o modo pelo qual as pessoas o consideram. Se elas decidirem que se trata de literatura, então, ao que parece, o texto será literatura, a despeito do que o seu autor tenha pensado (EAGLETON: 2003, p. 12).



*Ainda que eu falasse
A língua dos homens
E falasse a língua dos anjos,
Sem amor eu nada seria.*

*É só o amor! É só o amor
Que conhece o que é verdade.
O amor é bom, não quer o mal,
Não sente inveja ou se envaidece.*

5 – ACENTUAÇÃO E USO DO HÍFEN A PARTIR DO NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO

ACENTUAÇÃO

Decida agora qual é a forma correta de para as seguintes.

IDEIA – IDÉIA

ESTREIA – ESTRÉIA

VOO – VÔO

LEEM – LÊEM

A acentuação gráfica costuma ser um conteúdo gramatical que causa preocupação aos usuários da língua portuguesa, pois consiste na aplicação cuidadosa de determinados sinais escritos sobre letras. A colocação desses sinais é estipulado pelas regras de acentuação do idioma. E qual é a finalidade da acentuação? Ela é utilizada para auxiliar a representação escrita da linguagem. Quando ouvimos, distinguimos com facilidade uma sílaba tônica de uma sílaba átona. Quando lemos, entretanto, isso não é tão fácil, o que pode dificultar a leitura. Os sinais de acentuação cumprem, portanto, o papel de distinguir, na escrita, palavras de mesma grafia, mas de tonicidade diferente, como secretária/secretaria, público/publico, baba/babá, mágoa/magoa. Você sabe o que mudou na acentuação após o Acordo? Vamos especificar essas alterações:

1. Trema Não se usa mais o trema nos grupos **gue, gui, que, qui**

| Como era | Como fica |
|-----------|-----------|
| agüentar | aguentar |
| argüir | arguir |
| bilíngüe | bilíngue |
| cinqüenta | cinquenta |

2. Os ditongos **EI** e **OI** abertos que constituem a sílaba tônica de palavras paroxítonas não são mais acentuados: ideia, estreia, assembleia, joia, paranoico.

3. Em **PÔDE** (terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo) para se distinguir de **PODE** (terceira pessoa do singular do presente do indicativo).

4. Facultativamente em **DÊMOS** (presente do subjuntivo) para se distinguir de **DêMOS** (pretérito perfeito do indicativo) e em **FÔRMA** (substantivo) para se distinguir de **FORMA** (substantivo ou verbo no presente do indicativo ou no imperativo).

5. Não se emprega o acento circunflexo nas terceiras pessoas do plural do presente do indicativo ou do subjuntivo dos verbos **CRER, DAR, LER, VER** e seus derivados: creem, deem, leem, veem, releem.

Não confundir com as formas da terceira pessoa do plural dos verbos **TER, MANTER, RETER** etc., que conservam o acento: (eles) têm, mantêm, retêm etc.

6. Não se emprega o acento circunflexo nas paroxítonas terminadas em **oo** (hiato): enjoo, voo (substantivo e verbo).

7. Não são acentuadas as seguintes palavras homógrafas (com mesma grafia, mas significados diferentes):

| | |
|---|--|
| para – verbo Ela não para de tremer de frio. | para – preposição Todos estão preparados para a competição. |
| pela – verbo e substantivo Ele se pela de frio no inverno gaúcho. | pela(s) – preposição + artigo Ele passou pelas situações mais incríveis durante a viagem. |
| pelo – verbo Eu me “pelo” de medo do escuro. | pelo (s) – preposição + artigo Ele passou pelos percalços ileso. |
| polo – substantivo As aulas a distância serão ministradas no polo de Porto Alegre. | polo – por + lo (forma antiga) |

Em caso de dúvidas contate o suporte da Mr. Academy no botão sobre nós